

# A SEXUALIDADE NA RELAÇÃO DIÁDICA MÃE-FILHO

Maria Rita Scattone



Amalfi (detalhe), Recanto Maestro, Brasil

## Introdução:

O tema da sexualidade entre mãe e filho é um argumento muito amplo e delicado de tratar, particularmente no mundo ocidental enquanto adverte maiormente a forte influência, radicada no curso da história, da religião cristã na qual o estereótipo da “família” é um ponto cardeal do seu credo. Portanto há aproximadamente dois mil anos pesquisas e estudos sobre tal argumento não são difundidos e valorizados. Desde os mitos das tragédias gregas, pensem em Édipo, rei de Sófocles, são colocados

em evidência estes aspectos. Do século passado até hoje, graças ao desenvolvimento sócio-econômico, ao progresso tecnológico e a um “novo” homem orientado em direção à compreensão da existência, muitos estudiosos, cientistas e pesquisadores, como Freud, Bowlby, Piaget, Vygotskij, Tomatis e Whinnicot, começaram a voltar sua atenção para este aspecto. Graças à contribuição da ciência ontopsicológica, que é uma ciência epistêmica enquanto descobriu o princípio elementar presente em todos

nós, ou seja, o *Em Si ôntico*, cada pesquisador com esta “técnica” pode analisar o homem na sua totalidade de ação, de existência, fornecendo não só o material de reflexão, mas os meios necessários para acessar as análises e intervenção.

## O adulto-mãe, o primeiro modulador de vida.

O homem, na sua individualidade e unicidade, é um construído. Forjado desde o início por influências ambientais circunstantes, sócio-culturais e vitais,



joga a partida da existência não segundo as diretivas do Em Si ôntico, do próprio projeto existencial, mas segundo esquemas de ação e respostas emotivas, aprendidas do primeiro modulador de vida: o “adulto-mãe”<sup>1</sup>.

O adulto-mãe, para a escola ontopsicológica, é aquela pessoa ou situação que estrutura o primeiro ponto de segurança, mediante o qual a criança construirá a própria segurança. Não é dito que seja necessariamente a mãe biológica; pode ser o pai, a avó, uma tia etc.; é a primeira referência afetiva para

a criança, que determina a modalidade de percepção, de metabolismo da realidade circunstante. Sobre a base desta matriz impactará o mundo. A díade<sup>2</sup> mãe-filho é inicialmente uma condição de sobrevivência para a criança enquanto, não possuindo as capacidades psíquicas, físicas e históricas necessárias para alcançar a autonomia, é forçado a ser dependente, satisfazendo assim as próprias necessidades biológicas; além disso, faz-se matriz para o futuro desenvolvimento lingüístico e comportamental, *fornecendo as bases para o nascimento do Eu*. É a partir das variações psico-emotivas da mãe que a criança encontra o mundo, desde quando está no ventre materno. Isto, de fato, é uma ligação forte, simbiótica, visceral, de carne a carne, que se instaura desde a vida uterina.

#### A espera

Se pararmos para pensar no momento em que uma mulher decide tornar-se mãe, ou por realização pessoal, de casal ou por estereótipo, notar-se-ia que, do instante em que existe a tomada de decisão, atua-se nela uma mudança, uma modificação psicológica e comportamental dirigida não ao parceiro, mas em direção à “sua” criança que deverá nascer.

O pronomes possessivo “meu”, indica o início do vínculo diádico: uma mãe dificilmente diz “o nosso bebê”. É ela quem deverá hospedá-lo no próprio ventre, quem irá alimentá-lo, mimá-lo e para o qual deverá dedicar atenção pelos próximos nove meses. Quem, senão ela, a mulher-mãe-parceira daquele potencial filho, pode reivindicar a sua posse? É sangue do seu sangue, é “seu”. Nasce de uma relação sexual, de um momento de união entre dois indivíduos e por todos os nove meses viverá no interior daquele útero, ou seja, no interior daquele ambiente favorável, onde em um momento de ênfase, a Vida escolheu pôr o *Logos que se fará carne*.

Toda a espera é um período íntimo entre o nascituro e a mãe; ao aguardar o seu filho ela não faz senão reforçar nele aqueles sentimentos de dependência adquiridos quando por sua vez era criança. Uma vez nascido, a submissão é ainda mais evidente: o parceiro é expulso da órbita de suas atenções;

aumenta sua auto-estima por haver dado a luz ao seu belo bebê e, satisfeita, coloca a sua vida a serviço dele, agora motivo de sua existência.

#### A descoberta do “novo mundo” através da cavidade oral.

Com o nascimento, o neonato passa do ventre a “no ventre”, uma passagem importante e delicada, denominado por Whinnicot de “*holding*”, de contenção, que permite a criança manter aquele *continuum* inseparável com a mãe.

Ainda que não utilize a palavra para exprimir-se, enquanto ainda não se percebe como um indivíduo em si mesmo, mas como um prolongamento materno, o infante (do lat. *infans*, não falante) se comunica com a mãe através do contato corpóreo com ela: através da sucção, da preensão, do choro. Através da boca experimenta o mundo externo, circunscrito em uma protuberância mágica que o alimenta e o tranqüiliza: o mamilo. Por exemplo, no momento em que se toca levemente ao redor dos lábios de um neonato, imediatamente se ativa o reflexo de orientação oral: abertura da boca e rotação da cabeça para agarrar o mamilo. Sucessivamente aprende a revolver-se, isto é, a esfregar o nariz e a boca contra a mama até encontrar o contato com ela, com o objeto desejado. A orientação oral e a captura com os lábios são os primeiros passos que a criança cumpre para entrar em relação com o externo e que consentem, portanto, a exploração que em seguida permitirá adquirir a consciência de algo além de si.

Belotti no seu livro “*Dalla parte delle bambine*”<sup>3</sup> analisa o momento do aleitamento colocando em evidência as diferenças emotivas experimentadas pela mãe de acordo com o sexo do pequeno. Na maior parte dos casos, a estimulação do mamilo durante o desmame de um menino produz um prazer erótico diverso daquele que pode receber de uma menina, enquanto psiquicamente tem-se a convicção de experimentar algo natural: não é imoral a união que ocorre entre um macho e uma fêmea. Além disso, o macho é amamentado no seio por mais tempo, enquanto possui aquela “voracidade” típica de um homem 107

adulto. Modalidade que não se dedica a uma menina, a qual deverá aprender já desde pequena a “sacrificar-se quando grande” pelo macho, e a ser mais “espiritual” que ligada aos prazeres terrenos; portanto o “termine logo” que a mãe envia em sub-código, por campo semântico, comporta um desmame breve e menos co-envolvente sob o plano emotivo.

### A construção.

Durante o aleitamento, na distância ótima em que é posto, além de perceber o universo emocional da mãe, o pequeno consegue distinguir o seu vulto e as suas expressões, por exemplo, tem condições de reconhecer os lábios quando se pronuncia o fonema /e/ ou o fonema /o/. O neonato, portanto, através do seu pequeno sistema nervoso está em condições de, em poucos meses, perceber as características acústicas dos sons lingüísticos e de associá-los com o aspecto visual típico daquele som. Portanto, como ensina a ciência ontopsicológica: “das modalidades de comportamento do adulto-mãe ele assimila o modo de mover-se, de falar, de articular-se, o modo base da consciência”.

Entre quatro e seis meses de idade inicia a fase da lalação, ou seja, começam a produzir os primeiros balbucios, que não só representam a fase de preparação para a linguagem, mas representam também a manifestação do prazer determinado pela descoberta do invólucro corpo. Este é um fenômeno universal que reúne todas as crianças de qualquer raça: os sons reproduzidos são idênticos. Somente próximo aos dez meses se especializam na produção de sons mais representativos do ambiente lingüístico circunstante específico. A mãe inicia desde já a estruturar uma linguagem particular com o nascituro, que comumente é definido “*motherese*” (“manhês” ou “linguagem das mães”) caracterizado por frases breves, simples do ponto de vista fonológico, sintático e semântico, pronunciadas com uma entonação exagerada, com freqüentes repetições ou paráfrases. A mamãe, inserindo-se

sobre a produção lingüística, através do campo semântico e da produção verbal, veicula significado, realidade, sentimentos próprios, que não possuem reversibilidade com o real, enquanto ela mesma já está estruturada segundo a própria língua-mãe, portanto o infante começa a criar a suas estruturas mentais do mundo segundo aquelas maternas.

Quando se intervém sobre a vertente infantil é indispensável agir sobre o adulto de referência, exatamente porque como já dito, a tipologia de linguagem é uma modalidade verbal apreendida do adulto-mãe. Por exemplo, quando se diz que um determinado fenômeno tem certa familiaridade, significa que no ambiente familiar daquele indivíduo, ou como definido pelo prof. Meneghetti “eco-ambiente recipiente”, existirá alguém que apresenta ou apresentou o mesmo distúrbio. Isto ocorre sempre, enquanto se fala de comportamento<sup>4</sup>, ou seja, de algo estabelecido que se repete no tempo, reforçado depois por ações voluntárias do sujeito.

No curso da minha experiência clínica como fonoaudióloga portanto como reabilitadora da linguagem, encontro a afrontar maiormente casos de crianças definidas “*Late Talkers*”<sup>5</sup>, ou que apresentam um Distúrbio Específico de Linguagem<sup>6</sup>, ou Desordem Fonológica<sup>7</sup>, cujo problema deriva, na maioria dos casos, de uma relação diádica tanático-regressiva ou repetitivo-obsessiva com a mãe. Não por acaso o maior número de crianças que apresentam tais distúrbios são do sexo masculino com mães que não toleram ou justificam o *déficit* do filho. Frequentemente dizem não compreenderem a indicação por parte do médico ou da professora, porque a criança em casa fala, ou se faz entender, ou faz somente alguns erros, mas que eles compreendem. Na realidade comunicam, mas com aquela sua modalidade.

A linguagem entre mãe e filho é uma linguagem secreta, visceral, erótica: basta um olhar para que se entendam. A criança quer água, olha o copo sobre a mesa e imediatamente ganha água:

por que utilizar as palavras quando com uma simples indicação ou um olhar posso ter tudo? Por que devo esforçar-me em dizer “água”, quando se digo “ao” a água igualmente chega? Por que devo aprender a usar o garfo e a mastigar se posso gozar de um mamilo? Não raro chegam crianças amamentadas no seio até o terceiro ano de idade (se não mais), ainda que já providos de dentição. “Mas depois de ter comido, ele quer o peito”, diz a mãe. É só uma intenção da criança ou é um desejo-dever da mãe?

Frequentemente chegam crianças e adultos, indicados por ortodontistas, que apresentam uma *deglutição atípica*, ou seja, mantêm uma deglutição com estímulo lingual típico de um neonato. São pessoas que sugaram o dedo, a chupeta, a mamadeira ou qualquer outro objeto “transacional” por muito tempo. Podemos nos arriscar dizendo que são pessoas que nunca superaram a chamada “fase oral” freudiana. É indício de um *continuum* materno.

A ciência ontopsicológica afirma que “quase sempre a criança é tomada e educada como objeto de projeção idealística ou compensativa de adultos falidos. As mulheres, devido a sua inferioridade caseira, vingam-se se apropriando dos filhos para fazer luta pessoal contra os maridos e a sociedade. A mulher, por preguiça e ambição, joga a carta exclusiva do sexo juvenil e, quando chega a crise da mística feminina (trinta e seis – quarenta e dois anos), busca a recuperação manipulando os filhos, também eles já no início de uma exclusão do jogo da vida (dezesseis – vinte e dois anos)”<sup>8</sup>.

Portanto a criança quer a mãe, e esta quer para a compensação de uma relação com o parceiro já em declínio ou para sentir-se gratificada, amada, desejada novamente. Portanto por que não compartilhar também a cama com quem me tem como o seu objeto de desejo, carne da minha carne? Uma vez perguntei a um menino se ele dormia sozinho na sua caminha; respondeu-me dizendo: “Não. Mamãe só minha. Eu nana mamãe. Papai vai deita cachorro”. Pedindo explicações à



*Sede da FOIL russa. Niotan, Ekaterinburgo, Rússia*

mãe, esta me confirmou que a criança dormia na sua cama e que não queria que o pai dormisse com eles e que infelizmente não podia deixar de contentar o seu pobre pequenino. Ou, acontece-me de ver na sala de espera crianças nos braços das mães, com o dedo na boca e uma mão entre os seios maternos; ou trocas de beijos, carícias, olhares típicos de um relacionamento adulto. Por exemplo, seja a defecação que a enurese noturna são comportamentos ativados para atrair o interesse da mãe pela própria intimidade erótico-sexual. O fato de fazê-la abaixo da cintura implica um procedimento no qual existe um contato íntimo entre os dois: o desnudar e a conseqüente lavagem genital, provocam prazer; quantas crianças têm uma ereção no momento em que a mãe os troca? Um filme esclarecedor pelo seu modo incisivo, que propõe uma panorâmica sobre uma relação sexual psíquica e física entre mãe e filho, que desemboca depois no problema da droga, é “La Luna”<sup>9</sup> de Bertolucci.

Todas as consideradas “chagas sociais”, da droga à AIDS, da delinquência ao alcoolismo, derivam deste relacionamento de dependência erótico-sexual com a mãe.

### Educando.

Enquanto primeiro educador, a mãe deve educar a criança a adquirir aquela autonomia fora dela, indispensável para viver uma futura vida de líder, e não como eterno submisso. Não podendo eliminar a diade, enquanto protagonistas em relação com a própria vida, podemos somente, como educadores responsáveis, *favorecer o destaque* a fim que o jovem indivíduo possa colher o real em si e não de maneira cindida.

A intervenção sobre o eco-ambiente recipiente é indispensável para qualquer sujeito que faz pedagogia e em qualquer âmbito, ainda que seja o obstáculo mais delicado e difícil de ultrapassar: *o sucesso de qualquer ação é diretamente proporcional à mudança do contexto familiar*, portanto tanto mais se intervém sobre o adulto-mãe, mais rapidamente se obtêm os resultados.

Infelizmente percebo que o percentual dos genitores dispostos a mudar é ainda

110 mínimo. Mas não desanimo; ainda que

seja na minha pequena atuação, de um modo ou de outro, graças à contribuição da ciência ontopsicológica, conseguirei um dia atingir um dos meus objetivos, ou seja, aquele de ser um instrumento útil e funcional para mim mesma e, por conseqüência, para a sociedade.

Concluo voltando-me a todos aqueles que decidiram empreender o árduo ofício de genitor, com uma citação de um autêntico pesquisador exato: “o matrimônio é um processo do casal, os filhos devem ser um momento da vida do casal: o filho é um momento da sua vida, o ser pessoa é um destino metafísico [...]. Para serem bravos genitores é indispensável serem adultos felizes. As flores e os frutos sadios provêm somente de árvores vigorosas para si mesmas”. (A. Meneghetti)

### Bibliografia:

- MENEGHETTI, A. *Manual de ontopsicologia*. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed., 2004.  
 MENEGHETTI, A. *Pedagogia Ontopsicológica*, Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed. 2005  
 SABBADINI, G. a cura di. *Manuale di neuropsicologia dell'età evolutiva*. Bologna: Zanichelli, 1999.  
 CIPPONE, A. De Filippis. *Nuovo manuale di logopedia*, Trento: Edizione Erickson, 2001.

<sup>1</sup> Com “adulto-mãe” entende-se três funções: a) o genitor de maior referência nas expressões de necessidade do pequeno, entendido na sua concretude de indivíduo; b) a dinâmica inconsciente que informa a modalidade de referência ao pequeno por parte do genitor adulto; c) a tipologia do conjunto circunstante sempre absorvido segundo o ângulo experiencial do adulto-mãe.

<sup>2</sup> Diade, do gr. *δύο, δύο = dois, movimento a dois, onde um movente não pode agir sem o coincidente heteromovente*. É uma unidade de ação que parte de dois centros, dos quais um não pode agir sem a coexistência do outro pólo. Simbiose com dependência hierárquica entre dois ou mais indivíduos. O mais forte formaliza e polariza o mais débil de modo tal que o mais débil apreende o estilo de vida do mais forte. MENEGHETTI, A. *Dicionário de Ontopsicologia*. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed. 2008.

<sup>3</sup> BELOTTI, E. G. *Dalla parte delle bambine*. Milano: Universale Economica Feltrinelli, 2005<sup>21</sup>.

<sup>4</sup> Do gr. *Χαράσσω = inciso, esculpo*.

<sup>5</sup> Crianças, consideradas, “falantes tardios”, nas quais o aparecimento da linguagem é atrasada em relação aos seus coetâneos (as primeiras palavrinhas aparecem entre os 24 e 36 meses).

<sup>6</sup> Retardo ou desordem, em um ou mais âmbitos do desenvolvimento lingüístico, que aparece na ausência de déficits cognitivos, sensoriais, motores, afetivos e de importantes carências sócio-ambientais.

<sup>7</sup> Disfunção neuro-lingüística em nível fonológico na representação e organização cortical do sistema lingüístico: observa-se naquelas crianças que possuem uma linguagem espontânea inteligível, sem ter disfunções neurológicas ou articulatórias.

<sup>8</sup> Citação de *Uma nova pedagogia para uma sociedade futura*, conferência realizada pelo Ac. Prof. A. Meneghetti, junto à sede de Paris da UNESCO em maio de 2006.

<sup>9</sup> *La luna*, direção de Bernardo Bertolucci, Itália/USA, 1979.



